

# GovTech: imitando a natureza e gerando um novo modelo de atuação!



GLÁUCIO BRANDÃO

Com o aprimoramento exponencial da tecnologia eletrônica, tornaram-se possíveis os meios de comunicação em terra quase que de modo ubíquo. Agora, com a eficiência da Internet, todo nosso conhecimento está sendo sublimado para nuvem, de forma que o mundo praticamente assistiu a criação de seu próprio sistema nervoso.

A Internet promoveu uma dinamização do conhecimento tão voraz que, junto com as formas de prototipação disponíveis, é possível, quase que em tempo real, criar-se projetos ou observar se algo parecido deu certo em algum lugar. A Experimentação *on the fly* fez com que pudéssemos brincar de montar e desmontar Franksteins o tempo todo. Dada a estas facilidades e às trocas de experiências permitidas pela grande rede, surgiram métodos mais eficazes de trabalhar processos. Tudo junto, o campo ficou fértil para o nascimento de empresas ágeis, que se nutrem à base de experimentação pura em qualquer área do conhecimento. Ao meu ver, a Internet fez surgir a nova revolução organizacional, a qual eu chamo de “Mundo Orientado a Startups”!

As startups nasceram por imitação, observando a natureza! Vejamos, por exemplo, como a natureza promove nossa evolução: construindo, testando, medindo, aprendendo, modificando, re-construindo, re-testando, re-medindo, re-aprendendo... Ela pode começar em qualquer ponto deste ciclo, para depois seguir no ritmo “re”!

Aproveitando essa minha inspiração natural, vamos ver para onde as instituições (públicas ou privadas) deverão migrar, baseadas nesse novo ecossistema que está florescendo. Acho que estamos por criar a NatuTech. Bem *Black Mirror*!

## Imitando o laboratório natural

Em tempos hodiernos - versão 4.0 -, como as grandes empresas evoluem? Resposta: construindo, medindo, aprendendo, absorvendo, comprando. Isso quando elas “sacam” de inovação. Em suma, “MVPzando” as coisas. Falei um pouco disto em [Em tempos de startup, como definimos um produto?](#).

Outras pegam um atalho, observando empresas menores (vou chamá-las de *startups*). Assim que as startups - muito mais ágeis e menos custosas - mostram a viabilidade em suas incursões

mercadológicas e diminuem a probabilidade dos riscos, as grandes “encostam” e fazem a pergunta técnica: “Bote preço!”, pois empresários não compram produtos, mas Mercado.

Algumas empresas estão indo no sentido inverso e se transformando em startups, como é o caso do binômio Ford-Troller e da Magazine Luiza e seu Luiza-Labs, as quais não geram uma relação de fagocitose, mas de simbiose! Usei estes termos para continuar no clima da natural. Nessa linha, grandes corporações estão deixando de contratar CPF’s em prol de CNPJatos (Desculpem-me o neologismo, mas não deu para resistir. As startups são sempre comparadas a foguetes!). Mostrei alguns exemplos em [Por quem as grandes empresas choram...](#)

Na área educacional, como as grandes empresas estão evoluindo? *Answer*: construindo metodologias, medindo os impactos, aprendendo, voltado a ensinar e, caso vocês não estejam acostumados com o termo, criando ou absorvendo EduTech’s (vou falar sobre isso outro dia). A [Scholae 3.0](#), startup da área da educação criada na [inPACTA](#) tem essa *vibe*.

E o nosso sistema financeiro, como está evoluindo? Re\$po\$ta: observando, criando, comprando ou apostando, termo mais “macio” do que *especulando*, nas FinTech’s, startups que trabalham para inovar e otimizar serviços do sistema financeiro. Não se enganem, grande corporações águias, que parecem convencionais, estão apostando nesses ágeis falcões. Nessa linha, o BB apoia o Banco Original e o Santander já anunciou o fim dos [caixas humanos](#). Teremos variação no número de desempregados. Admirável Mundo Novo, diria Huxley!

Por fim, tema de nosso colóquio semanal, vamos ao grande e letárgico, mas que está acordando, entidade chamada **Estado** (refiro-me aqui à toda instância político-territorial-governamental, não especificamente ao meu querido RN). O Estado também é carinhosamente conhecido como **leviatã** (ficou sinistro, rrsrs).

Como vocês acham que ele deveria evoluir? Vamos então a algumas ilações, pois aqui na NC, Nossa Ciência, o pessoal me deixa soltar o verbo. Quando eu era menorzinho, só em pensar em soltar o verbo, o cinto piava! Massa, né não? Não sei se é acaso, pois Mercado e Mãe começam com “M”.

### **O que é uma GovTech?**

Pegando a definição no site do [BrazilLAB](#), denominamos GovTech toda “infraestrutura de tecnologia e soluções inovadoras que os departamentos do governo usam para fazer seu trabalho interno ou fornecer serviços aos seus “clientes”, ou seja, os cidadãos”. Conceito bem simples, mas ainda de difícil operacionalização!

Assim, na linha de seguir a maior construtora de modelos viáveis, a natureza, as empresas modernas já absorveram esse modelo de evolução. Faltavam os Governos! Vários estão também se modernizando, e em alguns casos, se viabilizando, como é o caso de São Paulo, que foi mais fundo e criou outra instância nessa linha, as [CivicTechs](#), organizações e tecnologias que visam informar, engajar e conectar cidadãos com seus governos e entre si, de forma a melhorar o

envolvimento cívico destes. Assim, as CivicTechs proporcionam a transformação da insatisfação com o Governo em algo construtivo, que beneficia a sociedade civil.

Então parece surgir uma luz no fim do túnel. Se não é um trem voltando carregado de boletos, pode ser que o Estado comece a se mexer no sentido de se tornar mais eficiente e conseguir entrar na onda *lean*, fazendo o dobro com a mesma arrecadação. Não é necessário ir a fundo e, mesmo que a nova reforma trabalhista permita, e chegar a terceirizar suas atividades-fim. Mas muitas, muitas, muitas atividades-meio merecem uma guaribada. Vejam onde estão atuando muitas GovTech's.

## Pontos em que devem atuar as GovTech

No site [GovTech Brasil](#) pode-se encontrar a agenda e o relatório do que aconteceu no encontro sobre o tema em 2018. Extraí o essencial *ipsi literis* do que foi debatido. Está muito interessante:

1. Foco no cidadão
  - A transformação digital de um governo só será efetiva se partir da premissa de que a plataforma tecnológica deve servir, em primeiro lugar, ao cidadão. O cidadão deve ser considerado como um cliente do governo. (Não fui eu quem escreveu *cliente*, pessoal. Foi o povo lá!)
2. Equidade
  - (...) se o governo vai atender a sociedade de forma digital, 100% da população deve ter acesso a Internet.
3. Dados estruturados para serviços unificados
  - Na era digital, dados são considerados “o novo petróleo”, e representam a base de uma política digital. Quando bem utilizados, permite que o governo obtenha uma compreensão mais clara da realidade e promova melhorias com maior agilidade e responsividade.
4. Ecossistema favorável
  - O governo não conseguirá se tornar digital atuando sozinho. O ecossistema de inovação e tecnologia deve ser compreendido por quatro setores: privado, público, academia e terceiro setor. (...) **Na história recente do Brasil temos visto uma interação pouco transparente entre o público e o privado, a desconexão da academia com o mercado de trabalho, a falta de incentivo para o desenvolvimento de tecnologias e inovações, pouca participação social na formulação de políticas públicas, e um terceiro setor fragilizado** (Essa última parte é tão a minha cara que tive que realçar em negrito).
  - O governo não foi desenhado para se transformar constantemente, por isso a interação entre governo e setores menos engessados trará agilidade para a transformação digital.
5. Liderança e governança do processo de transformação

- A liderança tem um papel fundamental em pautar a visão de longo prazo e ditar o ritmo da mudança que se pretende, enquanto que a governança é o que determinará a capacidade dos governos de concretizar a visão.
6. Combate à burocracia
    - A digitalização de serviços não pode ser a simples transferência de processos burocráticos presenciais ou físicos para sua versão online. Um governo digital deve usar a tecnologia para combater a burocracia.
  7. Educação para a era tecnológica
    - Para inovar e ser um país digital, a educação precisa proporcionar às crianças e jovens os conhecimentos e habilidades necessárias para aproveitarem as oportunidades do mundo contemporâneo. Quando bem exploradas e inseridas de forma transversal no plano pedagógico, as tecnologias podem auxiliar no desenvolvimento da autonomia, autoconfiança, criatividade, espírito empreendedor, inteligência social e competência cultural, entre outros valores necessários para os líderes do futuro. Onde foi que eu escrevi Scholae 3.0 neste texto mesmo?
  8. Regulação
    - Para que um governo seja digital é fundamental que o ambiente regulatório ofereça a segurança jurídica para o desenvolvimento contínuo do ecossistema.
  9. Mente inovadora nos governos
    - (...) a agenda digital do país só será cumprida com a capacitação e o desenvolvimento de quem exerce o poder, em todas as esferas. Precisamos preparar líderes para trabalhar em ambiente de incertezas.

### **Defeitos Colaterais**

Criada a *joint venture* Governo-GovTech, ao se seguir esses 9 pontos, ter-se-ia, por consequência, o que chamo de *defeitos colaterais*, já que quando se fala em efeito colateral tende-se a se pensar em algo ruim. Seguem os aspectos almejados:

- Diminuição da necessidade de concursos públicos.
- Aumento de eficiência temporal e diminuição do peso da máquina.
- Redução da burocracia e de seu efeito colateral mais hediondo, a corrupção.
- O Governo focando no que é mais importante: bem estar social, atuando como regulador e direcionador de recursos. Embora já tenha tido discussões acaloradas com colegas, não acredito em um Estado empreendedor. Ainda é confuso!

### **Por fim**

Poder-se-ia olhar para o Mercado como uma grande incubadora e o Governo como uma empresa âncora, induzindo a criação de várias demandas e, por consequência, empregos! Já pensou: ao invés de se pensar em concurso público, os jovens de hoje se lançassem a resolver “problemas públicos” e se manterem sustentáveis com isso? Admirável Estado Novo!